

Razões das mudanças no país:

Rússia ficou sem dinheiro para alimentar satélites

"Arouca"
Dom.
12/1/92

— Agora que chegamos a este ponto da entrevista, estou-me a lembrar que o senhor disse, a dada altura, que estão criadas as condições para o exercício da actividade política de oposição em Moçambique.

Quem deu origem a esta oportunidade, no seu ponto de vista? E se esta oportunidade no seu ver é ou não efectiva?

— Quem dá origem a esta mudança é a questão da conjuntura internacional. É a queda do marxismo-leninismo no Leste, o aparecimento da "Perestroika" de Gorbatchiov, e é o mesmo Gorbatchiov que é obrigado a dizer aos seus satélites como Cuba, Angola, Moçambique e outros é toda essa gente "que olhem, meus amigos, cada um, a partir de agora, tem de se governar". Porque a Rússia depois ficou sem dinheiro para alimentar guerras, dar armas e essa coisa toda.

Doutor, o inimigo dos povos seria então o comunismo?

— Comunismo não é um sistema mau. É mau sim no sentido de que não dá resultado, nem prosperidade a ninguém. O senhor indique-me por favor um país comunista próspero.

Se o senhor me perguntar quantos países capitalistas prósperos há no mundo eu dou-lhe já uma dúzia deles.

Eu digo-lhe mais, o Marx em nenhuma obra sua defendeu o sistema de partido único.

Defendeu, sim, como sistema transitório para a consolidação da Revolução de Outubro. Quem veio depois erigir o sistema de partido único, o sistema permanente de Governo foi o Stáline.

Por isso, aquilo que se chama de marxismo-leninismo, tem mais de leninismo do que de marxismo.

— Quantos membros tem a FUMO?

— Há isso não, não lhe posso dizer a si. Eu não posso dizer tem tantos, mas posso dizer que tem a maioria do povo de Moçambique. Realiza um trabalho político e ideológico, sem intimidar a ninguém, acrescente isso no seu jornal que é muito importante, porque não temos nem forças armadas nem polícia secreta.

Os militantes da FUMO são todos voluntários.

— Qual é a base material da FUMO? Donde vêm os financiamentos?

— Vêm dos moçambicanos. Esquecem-se que há milhares deles na África do Sul, no Brasil, Malawi, Portugal e em vários sítios.

— Quem é que regressa afinal em Fevereiro para Moçambique?

— Eu fui convidado pelo Presidente Chissano a visitar Moçambique. Portanto, vou utilizar esse convite. Ela não se realizou antes por razões profissionais minhas e outras.

Já informei ao Presidente Chissano que em Fevereiro estou pronto. Faço-me acompanhar de algumas pessoas amigas ligadas à FUMO. Nessa altura, Fevereiro, vamos organizar o partido, e marcar a data para o Congresso.

Eu vou a Maputo para uma permanência de cerca de vinte dias. Tenho que retornar a Portugal, porque tenho que, em Maputo, saber em que casa vou morar. Não posso morar na esplanada do Continental.

— Doutor, a FUMO tem candidato para as presidenciais?

— Neste momento ainda não tem. Mas de certeza que terá. Não estou a ver um partido com a força da FUMO sem candidato.

— O senhor está na disponibilidade de se candidatar na eventualidade de o seu partido assim o achar?

— Não é só o partido. Se o povo moçambicano achar e manifestar essa vontade e então porque não? Se manifestar vontade contrária, também não me candidato.